FACON - A CASA TOMBADA

Pós-graduação Lato Sensu
Narração Artística: Caminhos para contar histórias em contexto urbano.

RAPHAEL BORGES MAUREAU

O Cabelo de minha Mãe e o Fio Encrespado da Memória:
Um mergulho esvoaçado nas histórias que não são contadas

SÃO PAULO 2022

RAPHAEL BORGES MAUREAU

O Cabelo de minha Mãe e o Fio Encrespado da Memória:
Um mergulho esvoaçado nas histórias que não são contadas

Trabalho de Conclusão de Curso de pós-graduação em Narração Artística: Caminhos para contar histórias em contexto urbano. Orientadores: Profa. Ma. Leticia Liesenfeld e Prof. Dr. Giuliano Tierno.

SÃO PAULO 2022

Agradecimentos

Aos meus pais, Maria Cândida e Xavier, por tanto amor, com muita saudade.

À minha irmã, Beatriz, e aos meus sobrinhos, Matias, Chico, Maria Olívia, Tarcísio e Moa, com muito amor e carinho.

Aos professores da Casa Tombada, pelos ensinamentos e pelas partilhas que alargam os horizontes.

Aos colegas e amigos da turma do curso de pós-graduação que se lançou tão amorosamente no universo das histórias narradas.

Aos meus orientadores e coordenadores do curso, Leticia Liesenfeld e Giuliano Tierno, pela delicadeza e extrema sensibilidade com que nos conduziram em nossas jornadas, com um acolhimento sem igual.

Sumário

1 - Um silêncio entre nós (p.5)

2 - Um silêncio particular... (p.7)

3 - ... apontando os caminhos de uma nova poética (p.12)

4 - Minha mãe não era muito de contar histórias (p.14)

5 - O centro do Rio e o samba da Gamboa (p.19)

6 - Silêncio... (p.21)

7 - Josefina Bakhita e o Cemitério dos Pretos Novos (p.22)

Conclusão (p.29)

Referências Bibliográficas (p.33)

O cabelo de minha mãe e o fio encrespado da memória:

Um mergulho esvoaçado nas histórias que não são contadas

1 - Um silêncio entre nós

Havia, entre minha mãe e eu, um longo distanciamento que a gente foi produzindo no decorrer do tempo e que deixou marcas profundas em mim. Ainda que se diga que é natural da vida passar pelos sucessivos rompimentos e despedidas que marcam a nossa existência, e que se diga também que os processos de afastamento de uma mãe e um filho são inevitavelmente dolorosos na mesma medida em que podem ser libertadores, cada história é uma história. O distanciamento que minha mãe e eu vínhamos produzindo trazia o peso extra das palavras não-ditas. Era como se o silêncio que se fazia entre nós nos aprisionasse de alguma forma. A gente mal se falava e, quem sabe até, a gente continuadamente mal se conhecia.

Atados por um silêncio tão protocolar quanto reverencial, a gente se esforçava em fabricar as nossas distâncias, muitas vezes de forma deliberada, na recusa da presença do outro, no choro do bebê malparido que rejeita o peito da mãe, ou então, no olhar blindado da mãe que não quer se deixar afetar pelas estripulias de sua cria. Além desses nossos movimentos mais ou menos deliberados, havia também os acontecimentos próprios da experiência da vida sobre os quais a gente não exerce nenhum poder ou controle e que também pareciam querer acelerar o nosso afastamento. O envelhecimento precoce, o adoecimento do corpo, a senilidade, a confusão mental, a perda da memória e, finalmente, a iminência da morte nos forçavam a pisar em terrenos onde o contato com o outro era muito desafiador e difícil. Mas o silêncio que havia entre nós perpassava tanto as intencionalidades quanto as casualidades do nosso distanciamento. Era um silêncio estendido no tempo. Um silêncio que se prolongava sem que a gente pudesse sentir de fato o nosso descolamento. Um nó na garganta talvez tão insuperável quanto o elo de um amor visceral. Éramos dois corpos distantes, porém unidos e estanques no remanso colonizador do não-dito.

Na última vez que eu estive com a minha mãe, tive a sorte de vê-la em um momento raro de lucidez em sua velhice. A gente não podia se tocar. Estávamos cada um com sua máscara, luvas e avental brancos, separados por uma mesa de plástico também branca e um metro e meio de distância, seguindo à risca os protocolos da pandemia que nos manteve ainda mais distantes. Eu cheguei preparado para dois tipos de situação. Ou eu a veria novamente entregue à sua completa fragilidade, enlouquecida, obsessivamente aflita, refugiada em seus delírios e em sua franca vontade de morrer, ou então, ficaríamos em silêncio por um breve período até que ela me mandasse ir embora e nunca mais voltar. Mas naquele dia, foi diferente. Ela me sorriu.

Quando ela me viu entrar, ela me sorriu com os olhos e perguntou como eu estava. Quis saber se eu tinha notícias da minha irmã e perguntou sobre o apartamento do Rio. Depois que eu contei brevemente as mentiras que os filhos contam, ela prontamente se pôs a contar nos dedos os países que ela tinha conhecido com o meu pai: França, Suíça, Itália, Espanha, Estados Unidos, Argentina, Uruguai... Era como se ela quisesse me mostrar que ela ainda era capaz de se lembrar. Era como se ela quisesse me mostrar que ainda tinha forças para caminhar em suas memórias ao invés de seguir vagando nos escombros do esquecimento. A surpresa daquela situação me deixou feliz. Era como se a gente pudesse celebrar, juntos, a conquista de uma batalha de muitos anos. A batalha contra o enlouquecimento. Uma batalha que começou desgraçadamente perdida, mas que ainda assim podia nos propiciar pequenas alegrias. Pois essa gente que conta história diz que tudo sempre acontece um dia.

Enquanto ela enumerava o nome de todos aqueles países, Chile, México, Equador, Guatemala, Colômbia, Cuba... eu fantasiei. Acreditei que ela estivesse querendo pegar a minha mão para dar um giro por aqueles países através de suas lembranças. Eu, então, mobilizei silenciosamente as minhas: o toque quente de sua mão sobre a minha e o entrelace macio dos dedos que traziam conforto e alguma segurança para que eu pisasse o chão do mundo. Eram lembranças doídas porque eram breves demais diante da extensão do nosso afastamento. Mas naquele momento, eu acreditei que a gente pudesse encontrar conforto e alguma segurança para pisar novamente o chão do mundo.

Evocar as lembranças do passado era uma investida amorosa contra o não-dito que enredava os nossos corpos na teia dos silêncios. Por mais que as nossas interações estivessem se perdendo, por mais que elas fossem cada vez mais escassas, a gente ainda podia se surpreender com a nossa capacidade de reavivar o fio do nosso afeto fazendo dançar o fio encrespado das nossas memórias. Afinal, a gente ainda carregava as marcas que todo corpo carrega quando vem a mundo - a luz, o choro, a dor do parto, o elo do amor visceral e um nó no umbigo - e assim, nossos corpos dançavam seus movimentos de afastamentos e aproximações amorosas.

Através das lembranças, minha mãe também demonstrava o seu ímpeto aguerrido de continuar lutando contra as doenças que a faziam querer esquecer buscando abrigo no único lugar ainda possível daquela vida, a loucura. No último dia que vi minha mãe, ela me sorriu trazendo suas lembranças. Aquela era a nossa dança, uma dança organizada em leis particulares, mas que seguia os passos da própria dança cósmica e universal com seus movimentos de afastamentos e aproximações amorosas. A dança do fio do afeto. O fio que se corta sem jamais se romper. O fio que trança as histórias que nos fazem seguir.

Diante da dança, e aproveitando a brevidade daquele instante incomum de pequenas alegrias, me ocorreu perguntar. Perguntei sobre as cidades que ela havia conhecido com o meu pai e sobre as lembranças de todos aqueles lugares que ela estava enumerando nos dedos. Ela fechava os olhos e, no fim, se lembrava de muita coisa. Foram essas pequenas alegrias que me levaram a perguntar sobre outro assunto, algo que eu mesmo vinha me perguntando sem encontrar respostas: *"Mãe, de onde vem o seu cabelo crespo?"*

2 - Um silêncio particular...

A resposta veio curta. E chegou em mim com o peso do nosso silêncio. Pois a pergunta trazia em si um mal-estar. O mal-estar de não se saber. O mal-estar de não saber se dizer. Mesmo que minha mãe continuasse em seu esforço amoroso para me corresponder, ela não saberia dar a resposta que eu procurava. Aquele mal-estar, a gente sabe, não era uma particularidade nossa. Era o mal-estar dos apagamentos encravados em um tempo histórico e coletivo.

Um mal-estar que ultrapassa a relação de uma mãe e um filho que mal se falavam e continuadamente mal se conheciam. Um mal-estar que coloniza muitos outros corpos de uma forma certamente mais contundente e brutal do que a minha imobilidade diante do silêncio da minha mãe.

Se é certo dizer que toda história traz aquilo que lhe é particular, talvez seja oportuno pensar que são justamente as particularidades das nossas histórias que nos colocam em relação com o mundo. São elas que nos conectam com as opacidades de outras pessoas e histórias, nos apresentando a um universo a ser partilhado. Diz o poeta e filósofo martiniquense, Édouard Glissant, que a diferença "é a partícula fundamental de toda e qualquer relação" (GLISSANT apud GAUVIN, 2009, p.91, tradução minha). Se pensarmos que cada história traz uma substância própria e única, podemos pensar que, através da experiência narrativa, essa substância se torna porosa, permeável, suscetível de habitar outros corpos, vozes e histórias. Assim, as nossas particularidades - ou as nossas partículas fundamentais - são postas em relação uma vez que as histórias passam a transitar um espaço de cruzamento de vozes, vozes múltiplas, vozes de fala e de escuta que partilham subjetividades, saberes, valores, experiências, afetos...

No caso da minha mãe, o seu silêncio para a minha pergunta ecoa o silêncio de muitas outras vozes e histórias soterradas no chão do tempo. Pois, não saber a origem de um cabelo crespo, a gente sabe, não é uma particularidade exclusivamente nossa, mas uma particularidade comum a muitas e outras tantas famílias e grupos que se constituíram a partir da experiência traumática da colonização e, mais especificamente, das diásporas africanas ocorridas ao longo dos séculos. Trata-se de um silêncio que revela tanto a brutalidade do desenraizamento forçado dos povos e indivíduos tirados de suas terras em África para serem escravizados em outros continentes como a impetuosidade de um projeto colonialista que contou, para além do sequestro e da escravização, com mecanismos perversos de dominação, dentre eles a racialização[1] dos povos colonizados e o silenciamento sistemático de suas

[1] O termo "racialização" designa o processo de se atribuir identidades raciais a determinados grupos étnicos a partir de definições que sublinham a natureza de uma suposta raça, inscrevendo-a em uma categoria. Esse processo de categorização racial tem sido usado historicamente como forma de permitir que um grupo opressor discrimine outros grupos e indivíduos vistos como diferentes, estranhos, incompatíveis, indesejáveis ou inferiores do ponto de vista moral, intelectual, cultural, social e até mesmo espiritual.

línguas, histórias e saberes. Esse silêncio em relação às nossas origens pretas denota portanto um trauma. Um trauma causado pela brutalidade de um projeto de poder onde o silenciamento de vozes e histórias provoca ainda hoje uma grande dificuldade psíquica e existencial naqueles que carregam em seus corpos as marcas de uma ancestralidade apagada. Uma situação desastrosa partilhada em todos os territórios onde o colonialismo europeu operou.

Em 2008, a escritora e artista portuguesa, Grada Kilomba, lança o livro "*Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Quotidiano*", onde ela analisa, do ponto de vista da psicologia, diversas situações de discriminação tomando como base o relato de duas mulheres negras que falam sobre situações cotidianas de racismo a partir de experiências próprias. A autora analisa as experiências relatadas de forma a demonstrar que os casos de racismo não constituem episódios esporádicos, pontuais, momentâneos, localizados ou "discretos". Ao contrário, eles acontecem de forma acintosa e se repetem continuadamente ao longo da vida do sujeito que traz no corpo os traços de uma africanidade negra, atualizando no tempo presente as violências cometidas no passado.

A autora, que tem raízes em Angola e São Tomé e Príncipe, conta que nas instituições de ensino onde estudou psicologia, sendo a única estudante negra, ela era frequentemente confundida como a "senhora da limpeza". Em Berlim, na instituição onde fez o seu doutoramento, ela chegou a ser impedida de entrar na biblioteca da universidade por aquele espaço ser de uso exclusivo de estudantes. Nos hospitais onde trabalhou em Lisboa, viu pacientes se recusarem a ser atendidos por ela ou a ficar a sós com ela dentro de uma sala. O seu relato e os relatos das mulheres que ela entrevistou indicam que as práticas de discriminação se moldam a situações variadas, eles acontecem de forma simultânea, em diferentes níveis, situações e lugares, afetando a subjetividade do sujeito discriminado.

Dentre os exemplos de racismo cotidiano que Kilomba traz em seu livro, há um - na minha opinião o mais chocante e perturbador - que se refere a um caso onde o racismo é combinado com o sexismo, e que a autora chama de "racismo genderizado". Kilomba conta que, quando tinha apenas 12 anos de idade, ao se consultar com um médico por conta de uma gripe, ela é convidada

por ele a trabalhar como sua empregada doméstica em uma viagem de férias que ele faria com sua família. Uma situação bizarramente grotesca, para dizer o mínimo:

> Após a consulta, ao me dirigir à porta, ele, de repente, me chamou. Ele estivera olhando para mim, e disse que havia tido um ideia. Ele, sua esposa e dois filhos, de aproximadamente 18 e 21 anos, estavam indo viajar de férias. Haviam alugado uma casa no sul de Portugal, em algum lugar do Algarve, e ele estava pensando que eu poderia ir com eles. O médico então propôs que eu cozinhasse as refeições diárias da família, limpasse a casa e eventualmente lavasse suas roupas. 'Não é muito!', disse ele. 'alguns shorts, talvez uma camiseta e, claro, nossas roupas íntimas!' [...] Ele tinha máscaras africanas decorando o outro lado do consultório, eu devo ter olhado para elas. 'Elas são de Guiné-Bissau!', disse ele. 'Eu trabalhei lá... como médico!' Olhei para ele, calada. Eu realmente não me lembro se fui capaz de dizer algo. Acho que não. Mas lembro de sair do consultório em um estado de vertigem e de vomitar, após ter me distanciado de lá. (KILOMBA, 2019, p.93)

A simples presença dos traços negros de uma menina dentro de um consultório de um homem branco, observa Kilomba, foi suficiente para que a relação entre um médico e uma paciente se transformasse abruptamente numa relação de exploração entre um pretenso patrão e uma jovem serviçal, no caso uma criança, causando humilhação e constrangimento na menina. Kilomba explica que a recorrência de episódios desse tipo mostra que as situações de discriminação não são situações incomuns. São situações de violência que foram banalizadas e que não se restringem a um único lugar ou situação:

> As mulheres entrevistadas, assim como eu, vêm de diásporas africanas diferentes, mas partilham a mesma experiência. Há uma experiência coletiva, global, que é idêntica, uma experiência de opressão, assim como a branquitude tem uma experiência coletiva, que é a do privilégio, das políticas de ignorância, do não saber e não precisar de saber. Portanto, tanto aqui como na África do Sul, Brasil ou EUA, há uma violência que é global. A escravatura foi o primeiro movimento de globalização em que pessoas foram escravizadas para serem levadas para outro continente para enriquecer um terceiro continente. É uma história global que une vários continentes.[2]

Os traumas causados pelo racismo cotidiano indicam, portanto, as sequelas de um passado colonial que se estende até os dias atuais em todos os territórios da diáspora africana. Para Kilomba, a violência que provoca esses traumas é, muitas vezes, exercida de forma sutil e perversa, trazendo para o presente as histórias do passado:

[2] KILOMBA apud BENTO, Helena. *"O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Dói sempre, por vezes infeta, e outras vezes sangra"*. In: Expresso, Lisboa, 29 de maio de 2019. Disponível em <https://expresso.pt/cultura/2019-05-29-O-colonialismo-e-uma-ferida-que-nunca-foi-tratada.-Doi-sempre-por-vezes-infeta-e-outras-vezes-sangra#gs.f6iydo>

> O trauma é exatamente isso. Tem um primeiro elemento, que é o choque, e o choque acontece não porque não se está à espera de se ser agredido ou de vivenciar o racismo ou a opressão, mas porque se é retirado da humanidade. A pessoa não é vista como normal, mas como diferente, marginal, como 'outro'. Há um segundo momento, que é o da separação, é-se fragmentado da sociedade, porque a sociedade é vista como branca e heterossexual e todas as outras identidades e corpos são colocados fora dessa normatividade. O que também leva imediatamente a um terceiro elemento, o da violência da intemporalidade — de repente, o presente é vivido como se fosse o passado e o passado coincide com o presente. O racismo e o sexismo e todas as formas de opressão fazem isso, colocam-me num passado que não faz parte do presente mas passa a fazer parte da minha vida presente. Esse desfasamento do tempo faz parte do trauma e faz precisamente porque o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Vejo muito a história colonial como um fantasma que vem e nos assombra, e assombra-nos porque não foi tratado de forma digna. As coisas não foram chamadas pelos seus próprios nomes, não houve um funeral digno, não há um nome que apareça nos livros no lugar certo. A história é mal contada, é contada ao contrário, e os personagens não têm um nome, uma data, um espaço. E por nunca ter sido tratada, a ferida colonial dói sempre, por vezes infeta, e outras vezes sangra.[3]

Logo, podemos pensar que quando uma história de violência não é contada e refletida, ela pode facilmente ser reencenada no tempo presente. E assim, o racismo se renova a todo instante em situações cotidianas adaptando-se a diferentes situações de modo a fazer prevalecer a supremacia de um grupo privilegiado que só vê a si próprio inviabilizando todos as outras identidades que acabam sendo reduzidas ao silêncio e à invisibilidade. Quanto a isso, podemos dizer que o fato de não saber a origem de um cabelo crespo está diretamente ligado ao silenciamento e à invisibilidade a que os corpos pretos são submetidos. Mas, se por um lado Grada Kilomba se ataca aos nossos modos de estar no mundo perpetuando o racismo, por outro, ela aventa a possibilidade de se criar frestas para vislumbrarmos, através da expressão artística, novos horizontes possíveis:

> Creio que há uma nova geração que precisa urgentemente de uma nova linguagem e que sabe que as linguagens antigas não são credíveis e não têm legitimidade. [...] É necessária uma nova linguagem que pertença ao presente.[4]

Essa urgência por novas linguagens também é partilhada pelo filósofo e poeta martiniquense mencionado anteriormente, Édouard Glissant, o qual defende que os traumas do passado colonial devem ser superados. Diante do desastre e da brutalidade do colonialismo, o poeta vê duas possibilidades: ou o

[3] *Ibidem.*
[4] *Ibidem*

fracasso, ou a invenção criativa de linguagens capazes de tornar em potencialidades as adversidades causadas pela violência dos encontros em territórios colonizados[5]. Para Glissant, mesmo que a superação dos traumas se dê de forma combativa, como forma de resistir às sequelas do colonialismo, ela não se dá pela anulação do outro. Ele sugere então a criação de uma *poética da Relação* segundo a qual "toda identidade se estende numa relação com o Outro" (GLISSANT, 1990, p.23, tradução minha) e onde a linguagem se desenvolve a partir de uma percepção de si *com* o mundo - e não *no* mundo - sem que haja a pretensão de tornar seus valores particulares em valores universais.

3 - ... apontando os caminhos de uma nova poética

No pensamento de Édouard Glissant, a poética é tida como fruto da relação que homens e mulheres estabelecem com a terra em sua dimensão tanto espacial (geográfica) como temporal (histórica), e a partir da qual se desenvolvem linguagens que ele chama de "geopoéticas", as poéticas de um lugar. Ao sugerir uma *poética da Relação*, Glissant defende que o poeta deva explorar essa relação com a terra de forma "inteligente e sensível", isto é, abrindo-se para as diferenças do outro e enxergando as adversidades como verdadeiras potencialidades na criação de linguagens capazes de superar as dificuldades e os imprevistos que podem decorrer dos encontros. Essa forma inteligente e sensível de se relacionar implica necessariamente em uma "disponibilidade" a "fluir na corrente das trocas" (GLISSANT, 2006, p.173-174, tradução minha). Para isso, diz o filósofo que é preciso falar a sua língua "na presença de todas as línguas do mundo" (GLISSANT, 1997, p.26, tradução minha), ou seja, falar de si na presença daquilo do outro que nos é desconhecido, mas que não escapa ao nosso poder de imaginar.

> Nós podemos falar apenas a nossa língua. O que conta é a maneira como falamos nossa própria língua, de maneira fechada ou aberta; de falar na ignorância da presença de outras línguas ou na pré-ciência de que outras línguas existem e que elas nos influenciam sem que nós

[5] Em sua *filosofia da Relação*, Édouard Glissant se debruça justamente sobre as dificuldades da construção de identidades em territórios e culturas compósitas que viveram a experiência da colonização. Para ele, as atrocidades do colonialismo europeu, a exemplo do que foi o tráfico negreiro, a escravização e subjugação dos povos da diáspora africana assim como dos povos ameríndios nativos, fizeram com que esses povos se forcem ainda hoje a uma longa e dolorosa busca de suas identidades. Uma situação desastrosa diante da qual o filósofo martiniquense aponta para a possibilidade de criação de uma nova forma de se relacionar capaz de superar os tormentos provocados pelo choque colonial.

> saibamos. [...] é uma questão de imaginário das línguas. (GLISSANT apud GAUVIN, 2010, p.28, tradução minha)

Podemos pensar que nas poéticas que se desenvolvem a partir de uma disponibilidade de abrir-se para o diferente, os sentidos ganham novos contornos a partir das trocas que se estabelecem na relação. Eles se redesenham, se reconstroem e se reinventam a todo instante assumindo novas configurações. Para isso, é necessário que a linguagem se abra para tudo aquilo que está oculto no outro e que nós devemos ser capazes de sentir e de imaginar. Essa capacidade imaginativa da qual fala Glissant sobre a percepção dos valores do outro, o *imaginário das línguas*, diz respeito ao imaginário de uma totalidade que envolve não somente as línguas, mas o conjunto de todos saberes e de todos os valores culturais que se interligam e se relacionam de forma solidária e complementar, sem nenhum tipo de hierarquização entre eles, de tal modo que a construção de identidades possa se realizar *na* relação com o outro e a partir dela:

> O problema hoje é conseguir mudar a própria noção de identidade, a própria profundidade da experiência vivida que temos de nossa identidade, e conceber que somente o imaginário do Todo-o-Mundo (isto é, o fato de que eu possa viver em meu lugar estando em relação com a totalidade-mundo), somente este imaginário pode nos fazer ultrapassar essas espécies de limites fundamentais que ninguém quer ultrapassar. O Todo-o-Mundo é incomensurável e se não captarmos o ritmo desse incomensurável, corremos o risco, na minha opinião, de arrastar os antigos impossíveis que sempre determinam as intolerâncias, os massacres e os genocídios [...] Não nos remeteremos mais somente ao humanismo, à bondade, à tolerância, que são fugitivos, mas a entrar nas mutações decisivas da pluralidade consentida como tal (GLISSANT, 1997, p. 68, 43, tradução minha).

A confluência da multiplicidade de línguas e saberes resulta então em uma totalidade não-acabada, uma totalidade que se realiza na *movência* dos encontros, de forma contínua. É uma totalidade incomensurável pois se constrói a partir das experiências e das trocas que se estabelecem no cruzamento das línguas e das culturas num movimento marcado por uma dinâmica de variações e transformações permanentes. Essas variações ocorrem tanto no tempo como num espaço geográfico propícios a esse cruzamento, um espaço onde as culturas compartilham suas histórias de forma a permitir o desenvolvimento de novos sentidos e de novas linguagens e poéticas.

É, portanto, inspirado e apoiado na *poética da Relação* de Édouard Glissant que eu me lanço aqui na história do cabelo de minha mãe, numa tentativa poética de falar sobre as origens desconhecidas das nossas linhagens pretas na presença de todos os fios de cabelo do mundo. Vou movido tanto por uma necessidade falha de enraizamento, mas sobretudo pela urgência de uma disponibilidade a fluir na corrente das trocas, algo tão elementar na prática narrativa, mas que me é tão caro - a considerar a própria relação que estabeleci com a minha mãe através do nosso silêncio.

Com respeito a isso, é preciso dizer que a proposta do curso de pós-graduação d'A Casa Tombada contribuiu enormemente para que eu me deparasse com essa urgência de abertura, uma vez que todo o nosso percurso e os nossos voos coletivos foram fundamentados na premissa de que a prática narrativa acontece, antes de tudo, no estado de presença diante do outro. É então a partir desta premissa que vou dando meus passos para um mergulho esvoaçado no silêncio das histórias que não me foram contadas, apegando-me à ideia de que a inventividade do ato narrativo pode ser capaz de apontar os caminhos que nos levarão à superação das nossas crises mais agudas, e quem sabe até, ao livramento da nossa incapacidade de revelar aquilo que não se desvela. Pois, se há batalhas que parecem perdidas, nos resta fazer dançar o fio encrespado das nossas memórias reavivando o fio dos nossos afetos. Quanto às possíveis tormentas dessa travessia, são elas justamente que me fazem insistir na pergunta: *"Mãe de onde vem o seu cabelo crespo?"*

4. Minha mãe não era muito de contar histórias

Não contava. A impressão que eu tenho é que ela e meu pai não gostavam de dividi-las com os filhos. Suas histórias eram segredos sussurrados até mesmo em outras línguas para que a gente não pudesse ouvir ou saber. Mas era curioso ver a minha mãe sussurrar porque ela não era disso. Ela era uma mulher barulhenta, expansiva. Ela dançava, ela cantava, ela ria e falava alto. Minha mãe gargalhava de um jeito muito próprio e um tanto espalhafatoso. Ela era meio dentuça, tinha os dentes apontando pra frente e um sorriso bonito. Ela era muito bonita, elegante e vaidosa. Se fazia notar não só pela beleza fora do padrão de sua época, mas também por suas gargalhadas sonoras. Mas as histórias que eu

ouvi, eu peguei de relance em sussurros e rabichos de conversas. Lembro de algumas.

Lembro que ela conheceu o meu pai numa festa. Lembro que ela parou a festa para procurar os cílios postiços que tinham caído no chão da pista de dança. Mandou parar o som e acendeu as luzes para procurá-los. Aquilo chamou a atenção de um francês bonitão, meu pai. Depois que os cílios puderam finalmente voltar para as suas pálpebras, o bonitão se aproximou, tomou o copo de uísque de sua mão e virou num gole só. O atrevimento rendeu a ele um esporro colossal, que ele retrucou espertamente: *"Calma, calma! Vamos pegar outro! Vamos pegar outro uísque!"* Lembro que a fila do uísque era enorme e descia uma escada em caracol. Lembro que foi ali no caracol que eles se gostaram. Na época, os dois namoravam. Ele, com uma aeromoça loira de olhos azuis. E ela namorava o Jota, um mineiro de Uberlândia que a minha avó materna, que era de Araguari, não gostava.

Vovó ficou feliz quando minha mãe apresentou o novo namorado, um francês bonitão. Passado o tempo, Jota, o ex-namorado mineiro, tornou-se amigo do casal e veio a falecer onze dias depois da minha mãe, em setembro agora. Já a minha outra avó, mãe do meu pai, lamentou profundamente que o seu filho atrevido tenha ficado no Brasil para se casar com uma brasileira, ao invés da aeromoça loira de olhos azuis que ela gostava e preferia que fosse.

Minha mãe também tinha um quê de atrevida. Lembro que ela vestia calcinha furada para ir ao cinema com os paqueras, só pra eles ficarem sem graça quando fossem passear os dedinhos onde não deviam. Ela confiava demais em si própria, era uma mulher decidida. Sempre foi a primeira aluna da classe. Desde os onze anos de idade, ela com seu cabelo crespo já sabia exatamente o que queria ser: uma alta executiva!

E assim foi. Ela foi uma das poucas mulheres da turma de administração da GV[6]. Ela até chegou a entrar na USP[7], que era pública, mas escolheu a GV assumindo uma dívida com o seu pai, meu avô. Disse a ele que pagaria em dobro. Lembro que ela trabalhou numa loja de brinquedos e depois foi para uma grande multinacional, a Nestlé, onde ficou por quase 40 anos e construiu uma

[6] Faculdade Getúlio Vargas (FGV), renomada instituição privada de ensino superior da cidade de São Paulo, a primeira a implementar um curso de graduação em administração de empresas no Brasil.

[7] Universidade de São Paulo (USP), instituição pública de ensino superior gerida pelo Governo Estadual de São Paulo.

carreira de muito sucesso. Lá, teve grandes êxitos alcançando cargos raramente ocupados por mulheres e, no fim, recebendo os maiores salários. *"O que eu ganho é mais do que ganha o Presidente da República"* - contou ela ao meu pai enquanto ele dirigia. Disse isso com mais consternação do que orgulho. Apesar de vaidosa e orgulhosa, minha mãe não era lá de ostentar riqueza. Muito pelo contrário.

Lembro que minha mãe saiu em uma revista feminina para falar sobre o seu sucesso profissional: *"a primeira mulher brasileira a chefiar uma filial da multinacional em que trabalha"* - ocasião essa que fez com que a gente se mudasse para o Rio de Janeiro, onde era a tal filial. O apartamento era bastante espaçoso, ficava de frente para o mar e tinha vista para um dos cartões postais da cidade. Na sala, o fotógrafo ajeitava a luz enquanto minha mãe contava para a repórter que o mais importante na educação dos filhos era nos ensinar a sermos responsáveis. Com dois anos de idade, a gente já amarrava o cadarço do próprio tênis, diz a reportagem. Naquele tempo, ela já havia pago a sua dívida com o meu avô, que era tipógrafo, e o ajudava nas despesas. Lembro que ela nos dizia repetidamente: *"O que quer que você faça, você tem que ser o melhor"*.

Minha mãe diz na reportagem que só conseguiu o emprego porque foi entrevistada por um ex-colega da faculdade e que, ainda assim, não conseguiu o cargo que queria. Ela dizia que sendo mulher o esforço tinha que ser dobrado: *"tem que dar certo, tem que vencer, tem que provar que é profissional, tem que trabalhar exausta*". Seus colegas homens podiam chegar atrasados por estarem metidos em problemas domésticos, desentupindo uma pia ou levando a esposa ao médico, mas com a minha mãe era diferente, ela tinha que vencer. Minha irmã e eu éramos proibidos de ligar no escritório: *"só podem contar com a mãe para o que é impossível resolver sem ela".* A reportagem diz que ela não admite ter sofrido qualquer tipo de discriminação no trabalho "*apesar dos traços de mestiça".* As únicas situações de discriminação que ela admite dizem respeito ao machismo no trânsito: *"Vai lavar roupa, Dona Maria!".*

Lembro de um dia em que a gente estava em um *shopping center* de São Paulo, frequentado pela nata da elite paulistana, quando duas moças empombadas começaram a cochichar apontando o dedo para a minha mãe. Elas estavam rindo e zombando do seu cabelo sarará que naquela época estava cortado caprichosamente ao estilo *Jackson's Five.* Ver aquelas duas mulheres

debochando da minha mãe me deu um aperto no peito. Já a minha mãe fez que não viu. Nem ligou. Uma vez ela me disse que não tinha tempo para chorar ou sofrer.

A minha irmã herdou da minha mãe o cabelo, que não chega a ser crespo, mas é bastante enrolado. Lembro que eu, criança, me gabava por tê-lo liso. Me dizia sortudo. Lembro da minha irmã aos prantos por causa do apelido que ela tinha acabado de ganhar dos monitores do acampamento de férias: "*Bia Bom Brill*". Os nossos apelidos eram marcados na manga das nossas camisetas no último dia de acampamento. Eu não lembro do meu. Mas lembro que minha irmã passava horas chorando na frente do espelho, descabelada, tentando esticar os fios de aço da cabeça com puxões violentos. Lembro do cheiro horrível que senti quando cheguei em casa à tarde. Era o *Alisabel*, um alisador de cabelo que minha irmã passava sem que o produto produzisse o efeito desejado. Aquele cheiro fedido era mais uma de suas tentativas frustradas de mudar o visual do cabelo, tentativas essas que a levavam a mais berreiros e lágrimas. Lembro que minha irmã, com dezesseis anos, saiu de casa e foi viver a criminalidade. Passou por inúmeros cortiços e favelas tanto do Rio como de São Paulo… e de lá nunca mais saiu. Lembro que minha mãe gargalhou quando eu, ainda criança, perguntei de onde vinha o seu cabelo crespo: *"ah, com certeza teve um escravinho aí na história..."* Lembro que minha mãe não era de contar histórias e que não tinha tempo para chorar ou sofrer.

Depois de muitos anos, quando minha mãe já estava doente e bastante debilitada, eu entendi que aquilo de não ter tempo para sofrer era, na verdade, uma forma de lidar com a sua maior fraqueza. Ela não podia parecer frágil, tinha que vencer. Por isso, fingia não ver ou não se incomodar com as zombarias e os deboches dos outros em relação aos seus traços negros. Afinal, para ser uma alta executiva de cabelo crespo numa grande multinacional suíça, ela tinha que ser forte. Grada Kilomba, a escritora portuguesa de "Plantações", diz que a negação dos aspectos mais desagradáveis de uma realidade externa, ou de sentimentos internos, consiste em um mecanismo de defesa inconsciente do ego para diminuir o choque emocional sobre o sujeito que sofre uma situação de discriminação. Assim, quando minha mãe era alvo de chacota, era como se ela dissesse a si própria que ela não tinha tempo para sofrer: *"eu nunca experienciei o racismo!"*

Lembro de duas situações em que tive que resgatar minha irmã depois de ela ter ficado desaparecida por vários dias. Foram duas madrugadas, uma no centro de São Paulo e a outra no centro do Rio. Nessas duas ocasiões, eu tive que trazê-la em segredo de volta para casa. Ela estava muito machucada, roxa, violentada. Lembro da cara raivosa do meu pai querendo explodir quando viu a filha de volta, mas o que mais me espantou foi ver minha mãe passando a mão no cabelo da minha irmã dizendo "*Calma, minha filha! Calma! Vai ficar tudo bem!*". Eu não disse nada, mas fiquei espantado. Como era possível que aquela mulher tão poderosa e inteligente fosse incapaz de perceber que nada iria ficar bem?

Minha mãe se recusava a admitir que uma parte sua, a sua filha, pudesse ter algum tipo de problema. Aquilo não era uma possibilidade. Lembro que quando saiu o diagnóstico dizendo que minha irmã sofria de um transtorno psíquico grave, incurável, com alto índice de suicídio entre mulheres e onde toda a agressividade era provocada possivelmente por medo de abandono, minha mãe me olhava sem entender o meu choro. Ela passava a mão nos fios de cabelo da minha irmã machucada como se repetisse as palavras que ela havia aprendido com a minha avó mineira: *"Por onde Deus passa, nada embaraça!"*

Quando meu pai faleceu, minha irmã continuava virando do avesso os cortiços e favelas por onde passava. Já minha mãe, era ela quem estava rodando as clínicas psiquiátricas do Rio de janeiro e de São Paulo, muito fragilizada e refratária a qualquer tipo de tratamento, vivendo uma situação muito distante daquela que ela construiu com tanto empenho para se tornar uma mulher vencedora e prestigiada. Eu penso que não aceitar a própria fragilidade contribuiu enormemente para que ela se refugiasse no enlouquecimento. Os aspectos mais desagradáveis da realidade, o envelhecimento precoce, a senilidade, a desestruturação da família e a gravidade do quadro clínico de sua filha se tornaram insuportáveis pra ela.

Nesse tempo, eu passei a cuidar de minha mãe e me tornei responsável pelos assuntos familiares, clínicos, administrativos, patrimoniais, jurídicos e etc... Quando eu estava esvaziando o apartamento do Rio, resolvi me demorar na caixa onde meus pais guardavam as cartas recebidas dos amigos e parentes. Além de tomar conhecimento dos pormenores das brigas que meu pai cultivava com a minha avó francesa eternamente ressentida com o filho atrevido que fugiu

de casa, descobri que os amigos da minha mãe a chamavam de “Preta”. Por que será que esse apelido nunca havia sido revelado a nós, filhos da "Preta"? E por que "Preta" se minha mãe tinha um nome, assim, tão imaculado: Maria Cândida! Fosse Preta ou Cândida, minha mãe não era mulher de demonstrar fraqueza. Ela não me contava histórias. Ela não tinha tempo para chorar ou sofrer. Mas ela ria, cantava, dançava e falava alto. Ela gostava de samba. Desfilava na Portela e pulava carnaval no tradicional Cordão do Bola Preta. Quando não era carnaval, ia no samba da Gamboa que acontecia às sextas-feiras na zona portuária do Rio, no centro da cidade.

5. O centro do Rio e o samba da Gamboa

Eu não gostava de ir ao Rio de Janeiro. O que me levava à cidade maravilhosa eram os incêndios que eu tinha que apagar. Eram as brigas de família, minha irmã descompensada, as confusões com meus cunhados e sobrinhos, as internações, as reuniões com o conselho tutelar, o apartamento detonado, as infiltrações desabando o teto, as futricas com os vizinhos, as assembleias condominiais, as cobranças, as notificações, as lembranças das brigas... não tinha nada que me fizesse querer ir ao Rio. Mas teve um dia que foi diferente. Nesse dia, a cidade me sorriu.

Tudo estava estranhamente bonito. O céu deslumbrante explodindo em cores, a luz da tarde, o mar se perdendo, o sol se pondo, o espelho d'água, as gaivotas pousando na areia, as conchinhas que eu quis ver de perto, as pessoas correndo, os casais sorrindo, a moça pedindo... tudo estranhamente bonito. Eu mesmo brilhava estranhamente na minha vontade de falar com as pessoas. Naquele fim de tarde, enquanto eu compreendia a paixão do meu pai pelo Rio, as lembranças da minha mãe chegaram pra me transbordar. Eu estava na cidade justamente para lidar com o processo de inventariação de seus bens após a sua morte. Até então, eu não tinha tido tempo de mergulhar nas lembranças que eu tinha dela. Os mergulhos que eu dava tinham mais a ver com autenticações de documentos, procurações, registros, petições, requerimentos, comprovantes, laudos, guias, cobranças, honorários, reuniões, assembleias, prazos, filas e senhas. Mas naquele dia, eu fui invadido pelas melhores lembranças da minha mãe.

Era uma sexta-feira. Eu terminei o dia num boteco do centro da cidade, no bairro da Gamboa, onde tinha uma festa improvisada tocando funk. Eram os funks dos anos 90, as músicas da minha pré-adolescência no Rio, eram as letras e as coreografias que eu sabia de cor. Enquanto a música tocava eu me inundava nas lembranças da minha mãe. Emocionado, eu cantava e dançava arriscando as coreografias que o meu corpo ainda lembrava. Depois de muito cantar, dançar e me emocionar, fui tomar um ar lá fora. Atrás de mim, a pista de dança improvisada, o pessoal do baile, as coreografias, a porta do depósito de bebidas entreaberta deixando aparecer um altar para São Cosme e Damião e, do outro lado, um pôster de Marielle[8] dizendo que ela ainda vive. Assim que eu botei os pés pra fora do boteco, vi na minha frente a praça que eu demorei para reconhecer. Era a praça onde minha mãe ia sambar às sextas-feiras. Era a praça do samba da Gamboa!

A emoção desaguou mais que as lembranças. Lembrei da única vez que fui com a minha mãe no samba da Gamboa. Ela cantava, ela dançava, ria e falava alto. Enxugando as lágrimas, pensei que eu deveria investigar o seu cabelo crespo. No último dia que eu a vi, na nossa despedida, ela me contou que meu bisavô, pai da minha avó mineira, era "*mulato"*. Mas aquilo era muito pouco para mim. Quem era o meu bisavô? O que ele fazia? A minha tia, Maria Angélica, me contou que ele se chamava Joaquim Bernardes e que era um homem de poucas palavras. Lembrei da minha avó mineira dizendo que ele era bravo. E era só o que eu sabia sobre o meu bisavô *"mulato".*

No dia seguinte, resolvi pesquisar o samba da Gamboa e encontrei o Cais do Valongo, o porto que mais recebeu escravizados no mundo. Quantos? Os números são imprecisos e difíceis de serem comprovados pois os registros não registravam tudo. Os filmes, documentários e as matérias de revista trazem informações genéricas. Dizem que pelo Cais do Valongo chegaram "centenas de milhares" de africanos, alguns historiadores falam em "meio milhão", outros

[8] Marielle Francisco da Silva, vereadora negra assassinada em 14 de março de 2018, juntamente com o seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, em uma emboscada armada no centro do Rio de Janeiro por grupos milicianos ligados ao atual Presidente da República. Conhecida como Marielle Franco, a vereadora era também socióloga, feminista, defensora dos direitos humanos, atuava politicamente combatendo as milícias nas comunidades pobres do Rio, a violência policial, bem como os crimes por motivação racial e sexual. Lutava pela promoção da cidadania e em defesa dos direitos das mulheres e da população LGBT. Marielle Franco foi atingida por quatro tiros na cabeça quando voltava para casa depois de mediar um debate com jovens negras na Casa das Pretas, no bairro da Lapa. Até hoje, nem os assassinos nem os mandantes do crime foram identificados ou condenados pela justiça brasileira.

falam em "cerca de um milhão", já outros cravam que "mais de um milhão" de africanos desembarcaram no Cais do Valongo, entre os anos de 1774 e 1830, período em que funcionou o cais. Foi ali, na imprecisão dos números da diáspora africana na cidade do Rio de Janeiro, que descobri uma das histórias mais pavorosas da escravidão no Brasil, a história do Cemitério dos Pretos Novos.

6. Silêncio...

Silêncio...

Antes de falar do Cemitério dos Pretos Novos, é preciso que se faça silêncio. Que se faça silêncio em respeito aos mortos que não puderam contar suas histórias. Que se faça silêncio para lembrar os antepassados que tiveram suas vidas interrompidas e que não puderam sobreviver ao horror. É preciso que se faça silêncio para nos lembrarmos que diante do horror a palavra não pode ser desperdiçada. Que se faça silêncio pois não é qualquer história que está guardada no Cemitério dos Pretos Novos senão a história de um dos maiores crimes já cometidos contra a humanidade, fazendo da nossa história a nossa tragédia.

Nas casas onde eu cresci, lembro que a hora do jantar era a hora de nos reunirmos. Ali, em volta da mesa, nós não fazíamos silêncio. Nossas discussões eram acaloradas. Acusávamo-nos uns aos outros com rispidez, às vezes com deboche, e muitas outras com agressões, batendo as portas, quebrando os pratos e estilhaçando os vidros da janela. Lembro das inúmeras vezes em que minha mãe se levantou da mesa recusando-se a participar das nossas discussões: *"Pra mim, chega!"* Por inúmeras vezes, minha mãe, exausta, decidiu se retirar. Na nossa última conversa, ela me falou de suas lembranças. Separados por uma mesa branca, ela me contou muito rapidamente o pouco que ela sabia sobre o seu cabelo crespo. O meu bisavô era "*mulato*". Hoje, aproveitando a simbologia da mesa branca do espiritismo e da umbanda, usada para comunicar com os mortos, peço a minha mãe que não se retire. Peço a ela que fique. Peço que não subas as escadas para o quarto e que não se recolha para que a gente fale daquilo que nós nunca falamos: *"Mãe, de onde vem o seu cabelo crespo?"*

Peço ao poeta Édouard Glissant que nos coloque à mesa na presença do desconhecido e que a gente fale a nossa língua na presença de todas as outras. Como foi na Martinica? Como se fez a língua crioula? Peço a ele que traga as histórias que nos façam ficar. Peço a Grada Kilomba que colha as histórias revolvidas nas primeiras *plantations* por mulheres da diáspora africana. Peço que traga as bebidas que nos façam falar. Peço à minha mãe que volte para invocarmos as vozes adormecidas que vão revelar as histórias que não se desvelam pelo simples dizer. Peço que os tambores que insistem em ecoar no tempo e dentro de nós, toquem. Peço que os tambores toquem para chamarmos à mesa Josefina Bakhita, uma jovem africana de vinte e dois anos enterrada no Cemitério dos Pretos Novos. Bakhita foi morta há mais de duzentos anos por não suportar os maus-tratos daquela que foi a pior viagem de sua vida, a travessia atlântica.

7. Josefina Bakhita e o Cemitério dos Pretos Novos

Josefina Bakhita era, no Brasil, uma preta nova[9]. Não teve tempo de aprender a nossa língua, mas ainda assim ela fala. E nós, sem entendermos a sua língua, compreendemos na nossa o que ela quer nos dizer. Não sabemos exatamente de que lugar da África ela diz que veio, mas depreendemos as condições de sua chegada à cidade do Rio de Janeiro a partir do que ela nos conta. Quando perguntamos a ela sobre as origens das nossas linhagens pretas, ela nos conta uma história[10]. Ela diz que os africanos que chegavam ao Rio já chegavam com um nome cristão, depois de terem sido batizados por um sacerdote católico, por determinação das leis do tráfico de escravos. O batismo era feito de maneira sumária nos portos africanos ou então dentro dos próprios navios durante a travessia. A jovem Bakhita nos conta que as embarcações que traziam cativos africanos ao Brasil levavam nomes de santos católicos em suas

[9] "Preto Novo" era o nome dado aos africanos recém-chegados ao Brasil para serem vendidos como escravos. Eram chamados "novos" pois ainda não haviam sido "utilizados" como escravos. Eram considerados mercadoria nova no comércio de escravos. Uma vez vendidos, eles passavam a ser chamados de "boçais". Aqueles que já haviam se adaptado à língua e aos costumes da nova terra eram chamados de "ladinos" e eram vendidos por um preço mais alto.

[10] Como recurso narrativo, escolhemos colocar na boca da personagem Josefina Bakhita as informações que encontramos no trabalho dos historiadores e arqueólogos que, ao longo dos últimos vinte anos, pesquisaram o funcionamento do Cemitério dos Pretos Novos e do Cais do Valongo. Dentre os trabalhos historiográficos consultados, destacamos a dissertação de mestrado do arqueólogo Reinaldo Bernardes Tavares sob orientação de Tânia Andrade (professora doutora do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Museu Nacional), e dos trabalhos do historiador Júlio César da Silva Medeiros. Todos eles são pesquisadores do Núcleo de Pesquisa do Instituto de Memória dos Pretos Novos.

proas. Quando os cativos eram batizados, era determinado que, no momento da morte, eles fossem sepultados de acordo com os ritos mortuários da Igreja Católica. Ou seja, eles deviam ser velados, seus corpos tinham que ser cobertos e enterrados a sete palmos do chão.

Os responsáveis pelo enterro eram os senhores que detinham a posse do escravizado morto. Mas para aqueles que faleciam antes de serem apossados, ou aqueles que já chegavam mortos e que não haviam sido lançados ao mar, o sepultamento era de responsabilidade da Igreja. Na cidade do Rio de Janeiro, os responsáveis pelo enterro dos mortos recém-chegados eram os párocos da freguesia de Santa Rita de Cássia, localizada no centro da cidade. Josefina Bakhita faleceu na cidade do Rio de Janeiro poucos dias depois a sua chegada e foi enterrada no único cemitério do mundo a que se tem notícia, destinado exclusivamente à inumação de pessoas deportadas para serem escravizadas.

Bakhita conta que antigamente os africanos trazidos ao Rio de Janeiro desembarcavam na Praia do Peixe, onde hoje fica a Praça XV, em frente ao antigo Paço do Vice-Rei e atual Paço Imperial, numa região então frequentada pela elite portuguesa. Depois de enfrentarem as condições terrivelmente precárias das viagens atlânticas que chegavam a durar mais de dois meses, os cativos desembarcavam dos navios "tumbeiros" em condições deploráveis, exaustos, abatidos, esquálidos, seminus, sujos, fétidos, ferrados, doentes, alguns já mortos e outros moribundos trazendo na pele as terríveis marcas dos maus-tratos e das moléstias que infestavam os navios. Um espetáculo aterrador que passou a ser cada vez mais frequente no coração da cidade do Rio devido à intensificação do comércio de escravos ao longo de todo o século XVIII. O triste espetáculo do desembarque de africanos passou então a incomodar o olhar enojado da elite que rogava às autoridades para que o desembarque fosse deslocado para outro lugar. Os pedidos insistentes motivaram uma série de embates com os traficantes de escravos já estabelecidos ali próximo ao porto, no centro da cidade, mas as querelas só foram resolvidas com a intervenção direta o Vice-Rei do Brasil, o Marquês de Lavradio, em 1774. Sensível às queixas e lamúrias de sua gente, o marquês resolveu finalmente encerrar o impasse ordenando que o porto de entrada dos cativos africanos fosse transferido para uma região periférica, a praia do Valongo, "*no subúrbio da cidade, separados de*

toda comunicação" num lugar onde eles "*não saem nem depois de mortos*", segundo as palavras do próprio governador e Vice-Rei do Brasil.

A praia do Valongo dava acesso a um "vale longo" incrustado entre dois morros, ou seja, escondido, fora do alcance da vista desagradada das elites que circulavam na cidade. Com a mudança do local de desembarque dos cativos, o novo mercado de escravos se estabeleceu nos arredores do novo cais. Assim, todas as atividades ligadas ao comércio de escravos passaram a se realizar ali onde fica hoje o bairro da Gamboa, na atual zona portuária da cidade. Ali se desenvolveu o maior complexo comercial escravista das Américas. Nesse complexo funcionavam os entrepostos, os trapiches e armazéns de venda e de engorda onde os cativos eram negociados; o lazareto onde os doentes e moribundos eram mantidos isolados em quarentena; e, também, o Cemitério dos Pretos Novos onde eram enterrados os africanos recém-chegados que não resistiam às doenças e aos maus-tratos.

A transferência do mercado de escravos para uma região então periférica evidencia desde já as políticas de invisibilização dos corpos pretos, bem como a falta de humanidade a que os africanos eram submetidos. O Marquês do Lavradio, para poupar a cidade da presença desses corpos, a que ele chama de "grande fétido", diz que ele próprio vigiou com muito cuidado para que os negros fossem remanejados para bem longe da cidade, para um lugar onde eles não constituíssem uma ameaça ou provocassem nenhum tipo de desconforto. Assim ele diz:

> Havia n'esta cidade o terrivel costume de que todos os negros que chegavam da costa d'Africa a este porto, logo que desembarcavam, entravam para a cidade, vinham para as ruas publicas e principais d'ella, não só cheios de infinitas molestias, mas nús; como aquella qualidade de gente, em quanto não tem mais ensino, são o mesmo que qualquer outro bruto selvagem, [...] sendo o espectaculo mais horroroso que se podia apresentar aos olhos. As pessoas honestas não se atreviam a chegar às janellas; as que eram innocentes alli aprendiam o que ignoravam, e não deviam saber [...] foi preciso ser eu muito constante na minha resolução, para que elles [...] embarcassem para o sitio chamado Vallongo e alli se aproveitassem das muitas casas e armazéns que alli há para os terem e que àqueles sítios fossem as pessoas que os quisessem comprar e que os compradores nunca pudessem entrar com mais de 4 ou 5 na cidade [e] que os precisassem de ser vestidos e que enquanto os não conduziam para as minas ou para suas fazendas depois de comprados os tivessem no campo de São Domingos onde tinham todas as comodidades e livravam a cidade dos incômodos e prejuízos que há tantos anos se recebia por causa da

sobredita desordem.[11]

Mas enviar os africanos para longe da cidade era insuficiente. A invisibilização dos negros africanos se dava também pelo aniquilamento de suas vidas e de seus valores, bem como pelo silenciamento sistemático de suas histórias. Bakhita diz que a história do Cemitério dos Pretos Novos condensa as imagens que melhor expressam esse aniquilamento e as atrocidades cometidas contra os povos chegados ao Brasil, submetidos à exclusão absoluta. Com as mudanças fixadas pelo Vice-Rei, os africanos que antes eram enterrados em frente à Igreja de Santa Rita, no centro da cidade, passaram a ser enterrados na região do Valongo, próximo ao cais, onde foi delimitado o terreno do novo Cemitério dos Pretos Novos. Mas Bakhita diz que ali no novo cemitério não havia sepultamento algum. Os cadáveres eram deixados à flor da terra.

Eles eram amontoados, empilhados, jogados em covas rasas ou ao res do chão, expostos durante dias e semanas sob o sol quente e as chuvas fortes do Rio de Janeiro. A inumação era feita em valas comuns frequentemente retrabalhadas para receberem mais corpos, sem qualquer tipo de organização espacial do terreno ou de cuidado funerário. Para se ganhar espaço, os cadáveres eram desmembrados, desarticulados, quebrados, retorcidos, queimados, calcinados, incinerados. Os restos mortais dos cativos eram depositados naquilo que mais parecia um lixão a céu aberto. Ali eram jogados toda sorte de objetos sem serventia, restos de alimentos, lixo urbano, materiais de construção, vidros, louças, faianças e cerâmicas quebradas, e animais mortos. A verdade é que o Cemitério dos Pretos Novos servia ao porto não como local de sepultamento, mas como lugar de descarte.

Josefina Bakhita conta que com frequência ouvia os comentários entojados dos viajantes europeus que por ali passavam descrevendo com espanto as condições de funcionamento do cemitério. Um desses viajantes, Jhon Luccock, um inglês de meia idade, ao passar pelo cemitério, se assombrou com os cadáveres que eram atirados nas covas sem receber nenhum cuidado

[11] As citações atribuídas ao Marquês de Lavradio foram tiradas de diversos trabalhos de historiadores que pesquisaram o estabelecimento do mercado escravista na região do Valongo através dos documentos oficiais assinados pelo então Vice-Rei. A citação aqui destacada pode ser encontrada na dissertação de mestrado do historiador Cláudio de Paula Honorato, publicada em 2018 pelo Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, sob o título "O Mercado de escravos do Rio de Janeiro 1758-1831".

ou nenhum tipo de cerimônia, eles eram "atravessados e empilhados, uns por cima dos outros" (LUCCOCK, 1975. p.39), e recebiam uma fina camada de terra que era jogada sobre os corpos assim que os cadáveres preenchessem o espaço da cova atingindo o nível do chão. O enterro degradante dos africanos mortos também foi relatado com perplexidade pelo viajante e naturalista alemão G. W. Freireyss que, em 1814, quando esteve disse ter avistado

> alguns pretos ocupados em cobrir de terra seus patrícios mortos e, sem se dar ao trabalho de fazer uma cova. Jogavam apenas um pouco de terra sobre o cadáver, passando em seguida a sepultar outro [...] No meio deste espaço havia um monte de terra da qual, aqui e acolá, saiam restos de cadáveres descobertos pela chuva que tinham carregado a terra e ainda havia muitos cadáveres no chão que não tinham sido ainda enterrados. Nus, estavam apenas envoltos numa esteira, amarrado por cima da cabeça e por baixo dos pés. Provavelmente procede-se o enterramento apenas uma vez por semana, como os cadáveres facilmente se decompõem, o mau cheiro é insuportável. (FREIREYSS, 1984, p. 123)

Vinte anos mais tarde, em 1834, o viajante alemão Carl Seilder, denunciou o a situação dos enterros realizados no mesmo cemitério causando "horror ao mais indiferente passante". Assim, ele descreve o trabalho de dois pretos sacristãos ao conduzir um morto para uma sepultura:

> Sem esquife e sem a menor peça de roupa [...] atiram-no no buraco como um cão morto. Põem um pouco de terra solta por cima ou então, se por causa da pouca profundidade da cova, alguma parte do corpo fica descoberto, socam-no com pesados tocos de madeira, de forma que acaba formando-se um horrível mingau de terra, sangue e excrementos. (SEIDLER apud PEREIRA, 2014)

A jovem Josefina Bakhita nos explica que com a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808 e com a demanda crescente por mão-de-obra escrava nas lavouras de café do Vale do Paraíba no mesmo período, o tráfico de escravos cresceu vertiginosamente na cidade do Rio de Janeiro e, assim, a região do Valongo passou por um grande adensamento populacional. Os arredores do cais passaram a receber novos armazéns e trapiches, além das habitações residenciais construídas próximas ao cemitério que já não comportava a grande quantidade de cadáveres a serem enterrados.

Os vizinhos do cemitério não podiam sequer abrir suas janelas por causa do mal-cheiro exalado pelos cadáveres em decomposição a céu aberto. Muitos passaram a cobrar providências do poder público que ocasionalmente enviava superintendentes, oficiais de justiça, oficiais da saúde e até mesmo ministros

para inspecionar o local. Ao longo de décadas, seus relatórios confirmavam o péssimo estado do cemitério constatando que seu tamanho era absolutamente inadequado para o sepultamento da grande quantidade de cadáveres recebida semanalmente, além de constatarem o cheiro insuportável que fustigava os moradores. No entanto, ao longo de décadas, nenhuma medida foi tomada e as condições insalubres dos enterros prosseguiu até o fechamento do cemitério, em 1830.

Os historiadores estimam que o Cemitério dos Pretos Novos tenha recebido entre vinte e trinta mil cadáveres amontoados numa área cujo tamanho corresponde à metade de um campo de futebol. Josefina Bakhita nos conta que ela foi a única preta nova encontrada com o esqueleto inteiramente articulado, sem que tivesse sido quebrado, desmembrado ou incinerado. O seu nome, Bhakita, significa "bem-aventurada" em idioma núbio do Sudão. Ele foi dado a ela pela equipe de arqueologia que fez o seu achado em 2017, em homenagem à primeira santa africana canonizada pela Igreja Católica, no ano de 2000, que também teve uma história de sofrimento e humilhações relacionados à escravidão e se tornou símbolo de força e resistência na luta contra a intolerância racial.

A história do Cemitério dos Pretos Novos só pôde ser revelada por conta de uma descoberta ocasional. No dia 8 de janeiro de 1996, o casal Merced e Petrúquio Guimarães descobriram uma grande quantidade de ossos debaixo do piso da sala da casa que eles pretendiam reformar, no bairro da Gamboa. Logo no primeiro dia de reforma, o casal preencheu sete caixas de papelão com as ossadas encontradas em meio ao entulho retirado dali onde seria construída uma das colunas da casa. As arcadas dentárias encontradas não deixaram dúvidas, eram ossos humanos. Somente na área da casa, foram encontrados ossos de 28 indivíduos, dentre ele um bebê.

Merced conta que, quando criança, havia ouvido a história de um cemitério de escravos ali no bairro, mas achava que era uma lenda. E, mesmo que fosse lenda, ninguém sabia contar aquela história. As pessoas do bairro mal sabiam que ali onde eles moravam havia funcionado o maior mercado de escravos das Américas. Para eles, a Gamboa era um bairro de estiva, o bairro

dos sindicatos de estivadores onde os mais antigos diziam que no passado havia muito carnaval. Não se falava em comércio de escravos.

A casa que Merced e Petrúquio pretendiam reformar fica no número 36 da rua Pedro Ernesto, a poucos metros do boteco onde fui inundado pelas lembranças da minha mãe enquanto eu dançava funk, que fica na mesma rua Pedro Ernesto. Tanto o boteco como a praça onde minha mãe ia sambar às sextas-feiras, de onde se via o pôster dizendo que Marielle ainda vive, foram construídos em cima do Cemitério dos Pretos Novos. Nos arredores do Valongo, está a região que ficou conhecida nos anos 1920 como "Pequena África", a região onde surgiram os primeiros blocos de carnaval, as primeiras favelas, as primeiras escolas de samba, as primeiras tendas de umbanda, os primeiros terreiros de candomblé, as primeiras favelas e os primeiros fundos de quintal da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, com os sucessivos programas urbanísticos que remodelaram a região portuária e o centro da cidade do Rio de Janeiro, a história dos pretos africanos foi varrida ou enterrada por grossas camadas de concreto. Hoje, por cima do cemitério onde dorme a nossa narradora Josefina Bakhita, passa o VLT, o moderno Veículo Leve sobre Trilhos trazido da Europa e instalado recentemente como parte de um projeto urbanístico que, além de inaugurar no centro da cidade um museu de entretenimento voltado para o futuro, tratou recuperar a decadente zona portuária com o objetivo de colocar a cidade que mais recebeu escravos dentro circuito das cidades modernas do mundo, atraindo investidores estrangeiros e tudo mais.

Com a descoberta da localização do Cemitério dos Pretos Novos, até então considerada perdida pelos historiadores, foi possível localizar os vestígios do Cais do Valongo, também soterrado por arrojados projetos urbanísticos. Os trabalhos arqueológicos realizados ao longo dos últimos vinte anos nos arredores da casa de Merced e Petrúquio não somente confirmam a veracidade das histórias contadas aqui pela jovem africana Bakhita, como puderam trazer à luz outras histórias sobre as origens e o modo de vida dos africanos trazidos como cativos ao Brasil. O estudo dos componentes químicos presentes nos ossos encontrados no Cemitério dos Pretos Novos revelou que o Cais do Valongo recebeu pessoas vindas das mais diferentes partes do continente

africano, ao contrário do que acontecia em outros portos do continente americano, que recebiam pessoas de regiões determinadas.

Através dos vestígios encontrados no Cemitério dos Pretos Novos, podemos ter alguma dimensão do porquê nós não sabemos sobre as nossas origens africanas. A empresa colonizadora no Brasil promoveu um dos maiores crimes já cometidos na história da humanidade, a considerar o grande número de pessoas executadas durante o longo período em que o trato negreiro funcionou em solo brasileiro, durante mais de 350 anos, deixando cicatrizes profundas no modo como homens e mulheres exploram a sua relação com a terra. A história do Cemitério dos Pretos Novos é a expressão da tragédia que nos fundou como país, a história própria da dor, do sofrimento e da exclusão mais absoluta.

Conclusão

Há, entre nós, um silencio que é fruto do longo distanciamento que nós fomos produzindo em relação à memória dos africanos escravizados no Brasil, deixando marcas profundas em nós. Trata-se de um silêncio estendido no tempo, tão protocolar quanto reverencial de um passado colonial que nos une e nos mantém estanques no remanso colonizador do não-dito. Mas essa gente que conta história diz que tudo sempre acontece um dia.

Não saber sobre a origem de um cabelo crespo, a gente sabe, não é uma particularidade nossa, mas a consequência de uma história terrível de dominação partilhada por todos que carregam em seus corpos as marcas de uma identidade apagada pela brutalidade do colonialismo. Hoje, esses corpos estão espalhados, debaixo da terra e em cima dela, em todos os cantos onde o colonialismo europeu operou. Mas mesmo que interrompidos, eles ainda são capazes de contar as suas histórias. Alguns ainda cantam, dançam, riem e falam alto encontrando frestas para transmitirem as histórias que se tentaram silenciar de forma tão deliberada, assim como o fez o Marquês de Lavradio ao mandar os cativos recém-chegados ao Rio para longe do coração da cidade, impedidos de qualquer comunicação, num lugar onde eles não poderiam sair nem depois de mortos.

Curiosamente, foi exatamente ali na região do Valongo, num lugar de exclusão máxima expressamente instituído pelo Vice-Rei do Brasil, que se desenvolveram de forma sincrética expressões culturais poderosas que se espalharam mantendo vivas as lutas e as memórias dos povos escravizados. Foi ali nos fundos de quintal da Pequena África que surgiram as primeiras rodas de samba, as primeiras rodas de capoeira, os primeiros ranchos, os primeiros choros, as primeiras agremiações de carnaval, os primeiros terreiros e casas de umbanda. A força estrondosa dessas manifestações nos ensina que em algum lugar desse cenário tão violento e macabro a memória vive de forma potente e redentora. Com relação a isso, cabe aqui trazer as palavras do umbandista e historiador carioca, Antônio Luiz Simas, sobre a força cultural da cidade do Rio de Janeiro relacionada a sua história terrivelmente violenta marcada pelo choque colonial:

> Esse embate é fundador da própria ideia de cidade. A capoeira é a cidade. O samba é a cidade. A macumba é a cidade. A história do Rio de Janeiro não me permite ser pessimista. Se eu fosse pessimista, eu estaria negando a história do Rio de Janeiro, porque isso tudo não era pra existir. Não era pra ter nada disso. A capoeira não era estar sendo jogada hoje. O samba não era pra estar sendo cantado hoje. A gente está falando de um milagre. A cidade é dinâmica demais e a trajetória da cidade e do povo do Rio de Janeiro é de quem deu nó em pingo d'agua. [...] Acho que há o momento do grito e o momento do silêncio. E acho que está na hora de a gente olhar um pouco mais pra essa cidade do Rio de Janeiro e silenciar sabendo que o silêncio dá a volta ao mundo. E é dando a volta ao mundo que se começa a jogar. É essa cidade que eu acho que vai ser a nossa redenção. É essa cidade que eu acho que vai sobreviver dando nó no rabo da caninana. [12]

A ideia de dar nó em pingo d'água ou no rabo da caninana[13] conversa diretamente com o pensamento de Édouard Glissant sobre transformar os choques violentos entre culturas em potencialidades coletivas na produção de linguagens novas que se desenvolvem inventivamente a partir das adversidades. Simas, ao falar sobre a efervescência cultural no centro do Rio de Janeiro, destaca a importância da transmissão de saberes ancestrais e valores culturais através de brechas abertas num contexto de dominação política onde a tradição cultural deve ser passada adiante como forma de resistir à dominação:

[12] A citação foi extraída do depoimento de Antônio Luiz Simas para o filme documentário "Memórias do Cais do Valongo" dirigido pelos cineastas Antônio Carlos Muricy e Carlo Alexandre Teixeira. O filme foi lançado em 2014 e está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EAQranIgycA>

[13] A caninana é uma serpente característica da América Central e América do Sul, extremamente rápida e ágil, que tem fama de ser brava, mas não é peçonhenta. Quando é avistada ou se vê ameaçada, tende a fugir rapidamente.

> Nas Américas onde o negro foi economicamente escravizado, ele foi culturalmente o elemento civilizador. Uma tragédia sempre é uma tragédia, não tem como você tirar da tragédia essa perspectiva. Mas há *insights* na tragédia que nos redimem como homens. Por isso, a relevância de estar atento a tudo que acontece na zona portuária. Por isso, a relevância de saber que a zona portuária grita. Ela grita naquilo que ela é e naquilo que ela não é mais. Por isso, a necessidade vigorosa de contar, a necessidade vigorosa da palavra, a necessidade fundamental de falar, a necessidade de passar a herança da ancestralidade. A tradição é o elo. A tradição é aquilo que você acrescenta à corrente. A tradição é uma corrente em que um outro elo vai ser colocado depois e você não sabe a principio que outro elo é esse. Mas é o elo que joga pra frente, o elo que pensa lá na frente. Você vai lá atrás, você aprende, você escuta, você passa pra frente, você dinamiza.[14]

Minha mãe não contava histórias. Ela trabalhava exausta, não tinha tempo para chorar ou sofrer, tinha que provar que era profissional. Tudo o que ela foi capaz de erguer com a força do trabalho, o reconhecimento, o prestígio e o alto salário, não deram conta dos imprevistos que acontecem ao longo da vida. Ela não soube contar para a sua filha a história daquele cabelo tão enrolado. Ela não soube enxergar que o grande mal de sua filha é o medo do abandono. Mas algo em nós nos faz dançar. Ela cantava, ela dançava, ela ria e falava alto. No nosso último encontro, ela trouxe suas lembranças mais tenras e eu mobilizei as minhas. Lembranças essas que nos aproximam amorosamente trazendo pequenas alegrias a despeito das batalhas que parecem perdidas. Talvez através do nosso silêncio alguma história estivesse sendo contada sem que eu pudesse perceber, tomado pela angústia do nosso afastamento.

Hoje me despeço da minha mãe, eu e ela, separados por uma mesa branca onde pudemos trazer as vozes e as histórias soterradas no chão do tempo, que nos contaram sobre as origens de seu cabelo crespo. Agora peço a ela que vá, peço que se entregue aos mistérios da negrura opaca que jamais se revelará. Enquanto isso, enquanto ela se prepara, eu trago as lembranças mais doces da minha infância e canto para ela. Canto a canção com a qual ela me acalantava para me preparar para o sono mais profundo. É uma música que provavelmente, em algum momento, foi cantada por descendentes de africanos escravizados no nordeste brasileiro e que depois foi escrita em cordéis. Foi cantada em algum momento por mulheres e homens pretos para exaltar a

[14] [14] A citação foi extraída do depoimento de Antônio Luiz Simas para o filme documentário "Memórias do Cais do Valongo" dirigido pelos cineastas Antônio Carlos Muricy e Carlo Alexandre Teixeira. O filme foi lançado em 2014 e está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EAQranIgycA>

valentia de um boi preto muito preto, um boi mágico e terrivelmente preto, um boi mandingueiro e fujão, que escapou da propriedade do seu senhor assombrando os desavisados que cruzavam o seu caminho. A canção que me acalantava... Uma canção que todos conhecemos sem sabermos exatamente a sua origem:

Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega essa menina
Que tem medo de careta

Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega essa menina
Que tem medo de careta

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Helena. *"O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Dói sempre, por vezes infeta, e outras vezes sangra"*. In: Expresso, Lisboa, 29 de maio de 2019. Disponível em <https://expresso.pt/cultura/2019-05-29-O-colonialismo-e-uma-ferida-que-nunca-foi-tratada.-Doi-sempre-por-vezes-infeta-e-outras-vezes-sangra#gs.f6iydo>

FLORENTINO, Manolo G. *Em Costas Negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivio Nacional, 1995.

FREIREYSS, G. W. *Viagem ao Interior do Brasil.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

GAUVIN, Lise. *L'Imaginaire des Langues. Entretiens avec Lise Gauvin (1991-2009),* Paris, Éditions Gallimard, NRF, 2009.

GLISSANT, Édouard. *Le Discours Antillais*. Paris: Seuil, 1981.

_____ . *Poétique de la Relation*. (Poétique III) Paris: Seuil, 1990.

_____ . *Une Nouvelle Région du Monde*. (Esthétique I) Paris: Seuil, 2006.

_____ . *Traité du Tout-Monde*. (Esthétique I) Paris: Gallimard, 1997.

HONORATO, Cláudio de Paula. *Valongo: O mercado de escravos do Rio de Janeiro 1758-1831.* Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil.* São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da S. *À flor da terra: o cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro.* 2ª edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da S. *As duas evidências: as implicações acerca da redescoberta do cemitério dos Pretos Novos:* Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, v. 8, p. 331-343. Rio de Janeiro, 2014.

TAVARES, Reinaldo B. *O cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro, século XIX*: *uma tentativa de delimitação espacial*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro (Museu Nacional), Rio de Janeiro, 2012.